

Adilson Vilaça

Adilson Vilaça

João Gualberto Vasconcellos*

Tenho¹ ultimamente insistido na tese de que os capixabas não se conhecem bem. Esse desconhecimento, essa ausência de compreensão de nossas identidades coletivas, atravessa várias áreas. A história é um bom exemplo. Pouco sabemos de nosso passado, pouco cultivamos nossa memória. Mas é na literatura que esse desconhecimento se torna muito denso, mais gritante. Lemos pouco os capixabas, pouco sabemos da qualidade da boa literatura que se faz e que se fez no Espírito Santo.

Pois sempre tivemos aqui em nosso estado autores maiores, ontem e hoje. Autores que produzem em nível de igualdade com a boa literatura nacional e a boa literatura que se faz em outros países do mundo. Adilson Vilaça certamente é um desses nomes, um exemplo de um autor capixaba maior. É dele o

* Doutor em Sociologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - Paris, França (EHESC).

¹ VASCONCELOS, João Gualberto. Adilson Vilaça. In: VILAÇA, Adilson (Org.). *Escritores e obras literárias de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória; Academia Espírito-santense de Letras, 2020. (Col. Escritos de Vitória, v. 35). p. 80-82.

extraordinário *Cotaxé: romance do Efêmero Estado de União de Jeovah*, passado na zona do contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais nos anos 1950. O romance é uma obra de arte. Forte, vigoroso, verdadeiro. Nos ajuda, inclusive a compreender as raízes de nossa violência.

Mas não só o ciclo de Ecoporanga – com *Cartas Fantasmas: era uma vez em Ecoporanga, Carminda, A trilha do centauro, A reinvenção de Canudos*, além do próprio *Cotaxé* – se sobressai na obra desse mestre. Outros tantos escritos têm a mesma força narrativa, a mesma profundidade dos personagens, o mesmo vigor de estilo. Lembrarei aos leitores, nessas breves palavras, os textos que, na obra de Adilson Vilaça, tratam de Vitória, e que mais nos remetem às narrativas da nossa cidade. Escolhi quatro. Eles me parecem reunir um olhar especial sobre Vitória. Afinal é da nossa capital que estamos tratando.

Começemos por *Coração ilhéu*. Trata-se de uma novela, como nos é explicado na apresentação do autor. Foi publicada em edição virtual, no site da prefeitura de Vitória, pela primeira vez em 1998. A intenção foi recuperar a tradição do romance de folhetim. Como novela que é, está situada entre o conto e o romance, maior do que o conto, menor do que o romance. Esse é o critério de quantidade de texto. Porém o que melhor qualifica o gênero, como explica Adilson, é a pluralidade dramática.

Talvez a maior força dessa novela, plural e dramática, seja a forma como abraça nossa ilha, já expressa em seu nome: Coração ilhéu. A narrativa de um Chico Borboleta, fantasma que assiste confuso ao seu próprio velório, é absolutamente atemporal. Aparecem eventos ocorridos no ano de 1873, ao mesmo tempo em que o deputado José Carlos Bicho Grátis assiste ao velório que se coloca no coração da narrativa. Os personagens têm nomes como Teresa Garoupa Salgada ou Orlando Cais do Avião e transitam por espaços que foram sepultados pelos sucessivos aterros, como os cais que se multiplicavam pelo centro da cidade. Sua leitura é leve e prazerosa. Uma aula de amor a Vitória.

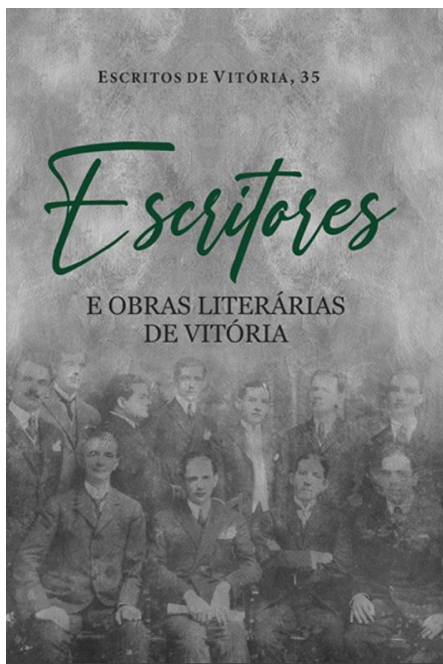
Já *Albergue dos querubins*, de 1995, é um romance de mote histórico que reuniu a aventura dos povos e etnias que, segundo o autor, tramaram o caldeamento do povo capixaba. O livro é uma fábula sobre o Espírito Santo, sobre como foram sendo construídos os querubins que habitam nosso albergue. Adilson nos adverte: é um romance-celebração do capixabismo. O Albergue fica em Vitória, mas os elementos do romance espalham-se de Itaúnas a São Pedro de Itabapoana. Festeja, ao seu modo, nosso estado e nossa capital. Está entre as melhores obras de Adilson, enraizada em nossa história, visitando nossas memórias, ajudando a compreender a construção de nosso imaginário social.

Outro momento crucial na obra de Adilson Vilaça é a publicação dos textos reunidos em *A derradeira folia*, de 1996. São contos que, na opinião de Oscar Gama Filho, que escreveu o texto das orelhas do livro, une as pessoas em uma esperança fraterna de descoberta de seu sentido. O que se daria através dos signos da palavra que, lapidada, mostra à luz dos raios a essência do ser capixaba. Tudo inserido numa proposta de um regionalismo mágico.

O conto "A inquisição de São Benedito", por exemplo, mostra o cotidiano de um grupo de fiéis de São Benedito chamados de peroás, peixe da cozinha dos pobres. Era designação dada aos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Participavam da Procissão de São Benedito todo dia 27 de dezembro. Rivalizam-se fortemente com os caramurus. A procissão mobilizava a cidade como um acontecimento ímpar. Tão especial quanto os ódios que provocavam nos fiéis das duas facções, até ser proibida por Dom Fernando de Souza Monteiro, em 1905. Voltou depois em 1918. A densidade dos personagens é marcante, seus destinos também. São os vencidos. São os que nossa lógica perversa não acolheu.

Aliás, essa é a palavra-chave para entender a obra de Adilson Vilaça, ela expressa a história dos vencidos, daqueles que a perversa sociedade brasileira e capixaba esmaga dia após dia, século após século. Ele dá enorme densidade dramática a esses personagens, saídos dos mundos provisórios onde habitam. Em cada um

deles, podemos enxergar esse aspecto. Em *Identidade para os gatos pardos: contos afro-brasileiros*, de 2002, ele maximiza esse sentimento. No conto que dá nome a obra, o personagem principal nos surpreende com um final tão inesperado quanto lógico para o mundo que habita. Ele nos faz pensar nas crueldades do nosso dia a dia. Ao mesmo tempo, nos leva a compreender as razões profundas nas vinganças dos vencidos. Assim é a literatura que faz Adilson Vilaça: forte, verdadeira, expressão dos que não têm voz, dos que costumam ser vencidos na guerra diária que se trava neste país injusto, autoritário e elitista. Vitória é o epicentro de boa parte das histórias deliciosas – mesmo que muitas vezes duras – que fazem do nosso autor um gigante da literatura.



80 // COLEÇÃO ESCRITOS DE VITÓRIA, 34

Adilson Vilaça

JOÃO GUALBERTO VASCONCELLOS

Doutor em Sociologia, Professor Emérito da UFES, Vice-presidente na Academia ES de Letras.

Tenho ultimamente insistido na tese de que os capixabas não se conhecem bem. Esse desconhecimento, essa ausência de compreensão de nossas identidades coletivas, atravessa várias áreas. A história é um bom exemplo. Pouco sabemos de nosso passado, pouco cultivamos nossa memória. Mas é na literatura que esse desconhecimento se torna muito denso, mais gritante. Lemos pouco os capixabas, pouco sabemos da qualidade da boa literatura que se faz e que se fez no Espírito Santo.

Pois sempre tivemos aqui em nosso estado autores maiores, ontem e hoje. Autores que produzem em nível de igualdade com a boa literatura nacional e a boa literatura que se faz em outros países do mundo. Adilson Vilaça certamente é um desses nomes, um exemplo de um autor capixaba maior. É dele o extraordinário *Cotaxé: romance do Efémero Estado de União de Iovual*, passado na zona do contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais nos anos 1950. O romance é uma obra de arte. Forte, vigoroso, verdadeiro. Nos ajuda, inclusive a compreender as raízes de nossa violência.

Mas não só o ciclo de Ecoporanga – com *Cartas Fantasmáticas: era uma vez em Ecoporanga*, *Carminda*, *A trilha do centauro*, *A Reinvenção de Canudos*, além do próprio *Cotaxé* – se sobressai na obra desse mestre. Outros tantos escritos têm a mesma força narrativa, a mesma profundidade dos personagens, o mesmo vigor de estilo. Lembrarei